

JAZZ

8 JUNHO 2015

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Elephant9 com Reine Fiske

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Teclados Ståle Storløkken Baixo elétrico Nikolai Eilertsen Bateria Torstein Lofthus
Guitarras Reine Fiske

Seg 8 de junho
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Caso de estudo

Os Elephant9 poderiam ser um caso de estudo de várias áreas da investigação. A musicológica, se esta não tivesse parado na música erudita da primeira metade do século XX. A filosófica, se os pensadores gostassem de música que não sirva apenas como fundo de acompanhamento para as suas escritas. A sociológica também, embora os cientistas sociais que se debruçam sobre os fenómenos da cultura estejam demasiado ocupados a fazer estatísticas e a desenhar gráficos. Até a da física quântica, não fosse os pesquisadores de *quarks* se recusarem a encontrar equivalências com o que acontece no mundo macroscópico. Porquê? A resposta é um rebuçado para o intelecto: porque são uma coisa sendo outra e existem em vários lugares ao mesmo tempo.

Dependendo da perspetiva, Ståle Storløkken, Nikolai Eilertsen e Torstein Lofthus formaram um grupo de jazz que toca rock ou um grupo de rock que toca jazz. Logo à partida, é confuso, mas complica-se ainda mais se observamos com o dobro da atenção o que está em causa. Que jazz é esse? Quem disser que é o jazz de fusão dos Weather Report – Storløkken é um confesso admirador de Joe Zawinul –, dos Lifetime de Tony Williams ou do Miles Davis elétrico do período entre *Bitches Brew* e *On the Corner* está apenas a vislumbrar uma parte do quadro geral. Tão ou mais importantes são o *free jazz* afro-americano e a música livremente improvisada europeia («improvisar é o que me interessa mais musicalmente», confirma

Storløkken), seja a que manteve ligações com a *new thing* (Peter Brötzmann, Evan Parker) como aquela que cortou com essa origem preferindo uma orientação exploratória e não-idiomática (AMM, Musica Elettronica Viva, New Phonic Art).

E que rock é esse? Erram por insuficiência de dados os que apontarem exclusivamente como matriz da música dos Elephant9 o rock progressivo que incluiu o órgão Hammond B-3. Designadamente, Emerson, Lake & Palmer, Deep Purple, Van Der Graaf Generator e Jethro Tull. Outra vertente do rock é decisiva para o som final do trio: o psicadelismo, representado por influências tão díspares quanto Hawkwind, Jefferson Airplane, Cream, Jimi Hendrix, os Soft Machine, os Pink Floyd e os King Crimson do início e até a *kosmische musik* do rock alemão de uns Can e uns Faust.

Mas nem isto chega para compreender a totalidade do universo Elephant9, não satisfazendo acrescentar que o grupo deve composicionalmente algo a Olivier Messiaen, figura da música contemporânea, e que para o *groove*, o balanço, dos seus temas haja uma ou outra reminiscência dos Funkadelic e dos Parliament, coletivos de culto do *funk*. Se estamos perante uma programática decisão de mergulhar na música da década de 1970 e reproduzir os seus modelos, inclusive optando pela utilização de instrumentos *vintage* e de tecnologia analógica da época, o certo é que o jazz e o rock destes noruegueses NÃO SÃO, de todo, o jazz e o rock que então se tocavam. Os Elephant9 pega-

ram nas suas premissas e ora esticaram-nas, ora modificaram-nas de dentro para fora, inventando uma nova fusão, um novo *prog* e um novo psicadelismo. Novos, mas os de sempre, trocando-nos as voltas.

A ideia de avançar com este projeto foi do baixista Nikolai Eilertsen, que aliciou Storløykken não só a participar, como a tomar o comando. A devoção do teclista pelo Hammond, pelo piano elétrico Fender Rhodes e pelo sintetizador MiniMoog antecipavam, na sua imaginação, o foco que este teria. Mesmo que solta do enquadramento jazz e rock que pretendia para os Elephant9, a fluidez unidirecional, se bem que construída por uma imensidade de elementos, das improvisações dos Supersilent servia a Eilertsen como exemplo do que a banda poderia ser. Também o que Storløykken fazia nos Humcrush, em contexto mais ritmicamente estruturado, era para ele suficiente indicação de que seria o músico ideal para a elaboração de temas baseados em *riffs* (repetições de motivos).

Ståle Storløykken surgia como um virtuoso dos teclados e um compositor, mas igualmente como alguém que trabalha a música com a mente de um produtor, ainda que sempre tenha recusado desempenhar formalmente esta função. Uma característica a que deve muita da sua fama nos circuitos escandinavos, recentemente comprovada por meio de uma parceria com o (lendário no Norte da Europa) grupo misto de *psicadelia* e metal Motorpsycho. Gravou com o projeto de Bent Saether e Hans Magnus Ryan o álbum conceptual *The*

Death Defying Unicorn, associando ao empreendimento os sopros da Trondheim Jazz Orchestra, as cordas de arco da Trondheimsolistene e o violino solista de Ola Kvernberg, num total de 22 participantes. Este disco fornece um outro aspeto, mais elaborado e operático, por assim dizer, do que já está nos Elephant9.

E o que está? Primeiro que tudo, o «não ter medo de experimentar e misturar estilos diferentes», que é aquilo precisamente que a Storløykken mais agrada nos anos 70. «O meu interesse pelos Weather Report e outras grandes bandas daqueles anos, tanto do jazz como do rock, foi o que fez com que hoje eu tenha uma mente aberta. Acho até que esta característica é a mais importante da minha carreira. Inspiro-me numa enorme variedade de músicas e a partir daí desenvolvo a minha própria voz, sem me fechar em nenhum género. Estou constantemente à procura de outros sons e outras maneiras de tocar», afirma a propósito.

Daí que, quando tocam jazz, os Elephant9 procurem de imediato sair dos seus limites, e quando tocam rock tudo façam para que essa filiação não seja óbvia. A forma como lidam com o dualismo composição-improvisação revela uma semelhante atitude de escapismo. Nunca se percebe muito bem onde termina uma e começa a outra e o objetivo é exatamente esse, que a pauta seja ultrapassada e o que surge de surpresa tenha o máximo aproveitamento. De resto, os ritmos fechados e hipnóticos que são a sua imagem de marca constituem o terreno ideal para ir

cada vez mais fundo em qualquer situação, tenha esta sido escrita ou resulte da mais pura espontaneidade. Até, de súbito, Storløykken levantar a mão e se passar para outro bloco que será tão espremido de possibilidades quanto foi o anterior.

Neste âmbito, os Elephant9 aplicam o princípio ético das músicas que utilizam as metodologias da improvisação, a escuta do que os outros estão a fazer. Contrapõem-na, no entanto, com outro que é específico do rock: o de saltar para a frente quando a oportunidade, ou, melhor ainda, a total falta dela, o justifica. Argumenta Ståle Storløykken: «Não devemos temer que se solte algum vapor, desafiando os outros num determinado momento. Temos de ser simultaneamente humildes e arrogantes. A beleza de tocar com outras pessoas está em tomar um caminho que não estava planeado.»

Quanto a esta particularidade, Storløykken é um ótimo exemplo: ninguém esperava que um antigo colaborador de Terje Rypdal, o guitarrista que imediatamente associamos ao “som ECM”, tivesse tal evolução. Bem diferente é o homem que os Elephant9 convidaram para com eles tocar a sua Stratocaster nestes últimos anos, Reine Fiske. Membro dos roqueiros estratosféricos Dungen e agora também dos Motorpsycho, assim como de uma formação de jazz, Svenska Kaputt, esta adição veio reforçar o cunho de *trip* interior («sem psicotrópicos», jura Storløykken) da música que vimos ouvindo desde o CD *Atlantis*. Fiske viaja pelo interior desta como uma

águia em voo picado, fazendo com o *fuzz* e o pedal de distorção o que fez John Coltrane com um saxofone em *Interstellar Space*.

Identifica ele demasiado os Elephant9 com o psicadelismo, interferindo com a lógica destes de não “pertencerem” a nada de concreto? Não, porque há mais do que essa abordagem em Fiske. Há, por exemplo, uma atitude *punk*, que ele foi buscar onde menos esperaríamos e que não por acaso é uma das fontes condutoras do próprio Storløykken: «Marcou-me muito a intervenção de John McLaughlin nos Lifetime. O som da guitarra é horrível e ele tocava de forma abandalhada. É tudo muito sujo e parece até que usava um pedal de *wah wah* com a bateria danificada. Provavelmente andavam de cabeça perdida naqueles dias e marimbavam-se para a perfeição, mas foi essa abordagem que passou para mim.»

Há nele ainda, e por mais estranho que pareça, uma perspectiva *folk*: «Em termos melódicos, sou um guitarrista de folclore.» E o certo é que são melodias – não raro pilhadas da tradição norueguesa – que vai atirando para a massa sonora criada pelos Elephant9, umas planantes, cristalinas, outras pesando chumbo e derramando ferrugem. Temos, assim, uma banda que imagina o encontro improvável do mesmo Zawinul que introduziu o piano elétrico no *hard bop* de Cannonball Adderley com o Keith Emerson que decompunha Mussorgsky e Copland com requintes de malvadez, submetendo-os a tempos binários. Mediados por um Hendrix que já anunciava o *punk rock* quando

incendiava a sua seis-cordas e se punha a ouvir os *feedbacks* que irrompiam dos amplificadores.

Estudemos, pois, esta proposta que nos chega dos fiordes e é bastante mais do que uma estimulante provocação auditiva...

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *online jazz.pt*

Próximo espetáculo

Metamorfose III

Dança Multimédia

Ter 16, qua 17, qui 18 de junho

Grande Auditório (lotação reduzida)

21h30 · Duração: 1h · M12

Para escolas e grupos organizados: 16h30



© Mana

Este espetáculo de dança, luz e som é o resultado final do trabalho coletivo realizado nos *Workshops* de Sonorização Cénica e Iluminação Cénica com bailarinos finalistas da Escola Superior de Dança. No final, o público é convidado a ir ao palco para interagir com os bailarinos e equipa criativa e saber como se fizeram os efeitos cénicos.

Próximo espetáculo de música

Orchestre Tout Puissant Marcel Duchamp

Música Sáb 20 de junho

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



© Pierre Acobas

Em 2006, a Cave 12, sala de Genebra dedicada à música dita experimental, deu carta-branca ao contrabaixista francês, Vincent Bertholet. Era para ser uma “one night stand”. Tornou-se num projeto musical com quase 10 anos e 3 álbuns editados. Para descrever o que é inclassificável tem-se usado expressões como “afro-transe-urban-punk”, “música caleidoscópica duma perfeita coesão”. O que mais interessa é a extraordinária música que fazem. Difícil é ficar sentado na cadeira quando a música nos chama para a dança.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Sara Amaral

Madalena Costa

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt